

POESIAS DE MOREIRA CAMPOS

Moreira Campos, que até hoje escreveu apenas contos (cinco livros, no gênero), deverá ainda este ano sair para um livro de poesias, rompendo, desse modo e sob esse aspecto, o seu comportamento bissexto. Dará à obra o título de *Momentos*. Diz que a sua poesia é despojada, não raro coloquial. Buscará antes de tudo, a seu modo, a essencialidade poética. Em muitas delas (pelas pequenas estórias que ali estão) restará o contista, vocação, por assim dizer, inelutável.

Essa poesia, entretanto, por vezes se formaliza, sem o excesso das grandes palavras ou dos grandes gestos, dos quais o autor sempre desconfia. Assim acontece, por exemplo, no caderno reservado às *Estrangeiras*, de que aqui apresentamos alguns poemas, como apresentamos experiências de outros cadernos constitutivos do livro. Objetivamos com isso oferecer apenas uma amostra da maneira por que Moreira Campos pratica a poesia.

O NAVIO GREGO

*Era um navio grego
de antigas lendas,
um valente navio.
Singrou muitas águas,
visitou muitos portos.
Seus tatuados marujos
amaram mulheres de terras exóticas
à luz triste dos bares.
Canções de saudade
lhe embalaram o convés
na noite silente
entre o mistério do céu
e o mistério do mar.
Teve fim melancólico:*

*nafragou próximo à praia
em porto anônimo,
aldeia de pesca,
que o crepúsculo retalha
em mastros de barcos
e perfis de coqueiros.
Seu casco é sucata
que as águas corrompem
e sobre ele as gaivotas
entoam elegias.*

*Era um navio grego
de antigas lendas,
um valente navio.*

A JANELA DO CAPÍTULO DO CONVENTO
DE CRISTO

*Vejam isto:
a Janela do Capítulo do Convento de Cristo,
em Tomar,
é síntese de Portugal,
tal qual,
desde as legendas mais velhas à aventura do mar.
São primores
de labores,
meus Senhores.
O barroco em moldura
de arte pura,
o mais fino
do estilo manuelino.
Nem sequer ali lhe falta
a Cruz de Malta.
E a emoção
da evocação?
Viriato, herói-pastor,
Afonso, o Conquistador,
ou Rei Primeiro,
os louros
da vitória contra os mouros,
o gemido do guerreiro,
o suspiro da donzela,
a vela
da caravela,
a notícia para o Rei
de outras terras, de outra grei,
Cabem todos na Janela.*

SALMO

*Estarei contigo, Israel,
com os teus gemidos.
Chorarei no Muro das Lamentações.
Contigo estive no Dia do Perdão,
que os teus inimigos conspurcaram.
Contigo, desde o Êxodo
pelos vários caminhos do mundo
rumo à Terra da Promissão,
a que voltaste ainda queimados pela Inquisição
mal refeitos dos campos de concentração
gerados pela Besta mais Feroz do Apocalipse.
Que Deus brutal quis marcar-te
a ferro e fogo?
Deus ou demônio?
Contigo estarei no novo Dia do Perdão,
genuflexo,
para redimir o mundo de equívocos e pecados.
Como Moisés, tiraste água da pedra.
És vergel,
és oásis conquistado ao vento morno do deserto.
Canto
a tua tenacidade,
a tua energia,
a tua coragem,
a tua atualidade
e a tua Glória,
raça de iluminados e de gênios.*

*Abate, Israel,
sobre essas areias ardentes
os teus novos abutres.*

Outubro de 73

PALAVRAS HONESTAS

*Sei que sou de outras eras
e de outro espaço.
Então havia a província,
o campanário, o adro,
os sinos da aldeia, o Sr. Cura,
flores no prado, a brisa,
ovelhas na pastagem,
o mistério do arvoredos
com duendes,
cancelas e moinhos,
rumorejantes regatos,
tilintar de chocalhos
ou cincerros,
gemidos de carros-de-boi
pelos carreiros,
o fumo das chaminés
nos mansos lares.
E à tarde, à hora do Ángelus,
os homens se recolhiam da lavoura
e traziam na boca palavras honestas.*

MINHA PRAIA

*Ela é batida pelos largos ventos.
Amo-lhe a solidão,
que fecunda os abismos,
faz o homem capaz de todas as renúncias
e íntimo da morte.
O crepúsculo é jorro real de sangue
a recolher no símbolo
todas as dores necessárias do dia.
Há no único navio que passa ao largo
o mistério das longas viagens,
dos portos desconhecidos,
e a âncora do tempo.
Amo-lhe a sucessão de dunas
por onde passaram, sem regresso,
as últimas caravanas.
No silêncio da noite,
olho para o alto,
pulverizo-me em luz
e sou traço-de-união entre o Infinito e o Eterno.
Amo-lhe sobretudo o vento,
que vindo assim pelo dorso do mar,
parece trazer na noite
a aflição das tormentas
e o gemido de todos os naufragos.*

ESTÓRIA

*Pancada há,
digo que há,
vos asseguro.
Vem na noite alta
pela serra erma
e enche o silêncio
do casarão.
É regular:
Tum.*

Tum.

Tum.

*Acalanta o mito,
acalanta o medo,
que é mistério.
A estória corre:
é uma mulher,
não uma bruxa,
mulher estranha,
que de dia dorme
e a noite toda pila café —
pila minha infância.*